



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Tradução e transcrição de poéticas orais locais: desafios para a preservação fonético-fonológica das marcas de oralidade presentes na falas dos griôs baianos

Marcela Eduarda Santos da Cruz¹; Gilcelia Santana Pires²

1. Marcela Eduarda Santos da Cruz, PIBIC/FAPESB, LETRAS-INGLES, e-mail: cruzeduarda351@gmail.com

2. Gilcelia Santana Pires, DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES, e-mail: gspires@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Poéticas orais; Preservação fonético-fonológica; Tradução

INTRODUÇÃO

O presente estudo é articulado ao projeto Cacimba de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia. Logo, tem base na história oral e na etnografia, uma vez que, esteve fundamentado em procedimentos de recolha, transcrição e tradução de poéticas orais baianas. Outrossim, adotou-se o método (auto)biográfico e a entrevista narrativa como instrumento de coleta de dados sendo realizada e analisada uma entrevista com uma contadora de histórias do distrito de São José, na cidade de Feira de Santana, além de entrevistas com mestres da tradição oral de cidades interioranas da Bahia, as quais já se encontravam registradas no acervo digital do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Orais - GEPPPO.

Os mestres contadores de histórias, ou griôs, são os principais responsáveis por partilhar com as gerações mais novas, as lendas, crenças e mitos que chegaram no Brasil com os povos escravizados, juntamente com as que já circulavam por aqui entre os povos originários, e que reverberam na identidade dessas comunidades e do Brasil como um todo. Na visão de Hampaté Bâ (apud Matos, 2005), a fala humana quando entoada de maneira rítmica, ativa a magia como ocorre nas “canções rituais” e “fórmulas encantatórias”.

Levando isto em consideração compreende-se o respeito pelo qual as sociedades de tradição oral tem pela oralidade, pela palavra, assim como pelo mestre tradicionalista que as transmitiu. Os griôs, apresentam em suas narrativas marcas de oralidade bastante significativas para a sua poética, o sotaque com o qual pronunciam as palavras carregam aspectos identitários e da ancestralidade do mestre, e as mudanças de entonação e prosódia são essenciais para a transmissão das emoções e para que a mensagem chegue aos ouvintes de forma ainda mais intensa.

Entretanto, em consonância com Pfau et al. (2022, p. 32) percebe-se que, dificilmente leva-se estes aspectos em consideração durante as atividades tradutórias: “De modo geral, percebemos que dentro dos Estudos da Tradução, as reflexões fonéticas e fonológicas ganham menos ou igual atenção se comparadas a outros sistemas linguísticos, como o semântico ou o léxico.”. Em conformidade com Pires (2023, p. 23),

entende-se que o processo tradutório exige mais do que meramente a transferência de termos na língua-fonte para equivalentes na língua-alvo, isto é, transcende questões lexicais. A autora afirma que: “A tradução seria teórica e impossível se fosse apenas um processo de transferência de significados tal qual são representados pelo léxico, estrutura linguística, sintaxe e semântica da língua de partida.”.

Sendo assim, a partir deste estudo foi observada a necessidade de que durante as práticas tradutórias, sobretudo de poéticas orais, sejam levados em consideração os aspectos fonético-fonológicos não só da versão padrão da língua de partida, mas também do dialeto ou variação utilizados por seus falantes, de modo que, na língua de chegada sejam encontradas equivalências linguísticas que respeitem tais traços.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Por ter em vista a utilização das entrevistas para coleta das narrativas orais dos mestres da tradição oral de Feira de Santana, compreende-se que esta pesquisa possuiu uma abordagem qualitativa e baseou-se no método (auto)biográfico. Além disso, esteve articulada à pesquisa Cacimba de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia, a qual é desenvolvida pelos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poética Orais (GEPPPO). Dessa forma, por intermédio de entrevistas narrativas registradas em vídeo, foram coletados os repertórios juntamente com a história de vida de uma contadora de histórias.

Assim, os passos metodológicos da pesquisa envolveram inicialmente uma revisão bibliográfica, que exerceu função basilar na elaboração desta pesquisa. Uma vez que, o objetivo principal da pesquisa consistia em investigar os aspectos fonético-fonológicos e as marcas de oralidade inerentes à fala de mestres da tradição oral baiana, a revisão bibliográfica se centrou em três campos principais: 1) no campo da Linguística Histórica para compreender quais aspectos e influências linguísticas influenciaram a composição do dialeto baiano; 2) nos estudos da Fonética, a fim de compreender o processo de produção de sons realizado pelo aparelho fonador humano; 3) no estudos da Fonologia para entender os principais fenômenos fonológicos, e metaplasmos do português brasileiro, em especial aqueles inerentes a variação dialetal falada na Bahia.

Em seguida, um grupo amostral composto por 5 das entrevistas disponíveis no acervo digital do GEPPPO, além da entrevista que conduzida por mim mesma, foram analisadas a fim de compreender quais eram os principais fenômenos fonético-fonológicos e metaplasmos presentes nas falas dos mestres. Por fim, estes fenômenos e metaplasmos foram categorizados em registrados. Desse modo, tornou-se possível buscar equivalências linguísticas para preservá no processo de tradução de suas poéticas orais para a língua inglesa.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Os resultados alcançados nesta pesquisa apontam para a necessidade de que, durante o processo de tradução, sobretudo de poéticas orais locais, sejam considerados não apenas os aspectos fonético-fonológicos da língua de partida, mas também os elementos específicos dos dialetos e variações apresentados pelos mestres da tradição oral. Em

suma, com base nos estudos da linguística histórica, depreende-se que concluímos que os fenômenos fonético-fonológicos descritos neste trabalho podem ser atribuídos, principalmente, às línguas africanas. Assim, a partir deste estudo aspectos inerentes a oralidade dos griôs baianos puderam ser melhor compreendidos, uma vez que, a partir das análises foi entendido que muitos desses fenômenos surgiram a partir do contato entre línguas, tais como a adoção de uma versão padrão da língua de chegada, neste caso a língua inglesa, não como o quimbundo e o iorubá. Desse modo, foi também possível depreender que abarca todas as características fonético-fonológicas encontradas, conforme alguns exemplos apresentados na tabela abaixo, o que sugere uma equivalência com variações africanas da língua inglesa.

Português padrão	Oralidade	Transcrição (padrão fonológico) (IPA)	Transcrição fonética oralidade (IPA)	Metaplasmos
advogado	“adevogado”	/ad.vo.'ga.du/	[a.de.vo.'ga.du]	epêntese/ anaptixe
quando eu estava	“conde ô tava”	/'kwẽ.du ew is.'ta.vẽ/	['kõ.dʒi o 'ta.kẽ]	síncope/aférese/ apócope
comendo	“cumenô”	/ko.'mẽdu/	/ku.'menu/	apócope
as plantas	“as pranta”	/az.'plẽ.tas/	[as.'prẽ.tẽ]	rotacismo (troca de [l] por [r])/apócope (plural -s)
comer	“cumê”	/ko.'mer/	[ku.'me]	assimilação
doutor	“dotô”	/dow.'tor/	[do.'to]	monotongação
arroz	“arroiz”	/a.'ko(z)/	[a.'kojz]	ditongação
homem	“homi”	/'õ.mẽj/	['o.mi]	monotongação/ desnasalização

Tabela 1. Principais metaplasmos encontrados na oralidade de griôs baianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Por se tratarem de sociedades orais, o povo africano defende culturalmente o poder formador da palavra dos mestres tradicionalistas (Matos, 2005). Dessa forma, no Brasil atual as poéticas orais, se configuram como herança de nossa ancestralidade, pois é através delas que ocorre a conservação histórica e cultural das crenças e saberes populares que são parte do folclore brasileiro, mas que tiveram as suas origens em África. Assim, as marcas deixadas pelos povos africanos que aqui estiveram não se

restringiram apenas às influências culturais ou lexicais, mas se apresentam também na forma como o povo baiano se comunica e na composição do português falado por aqui. Destarte, muitos dos fenômenos fonéticos, ou metaplasmos, apresentados nesta pesquisa são atribuídos às heranças de traços fonético/fonológicos de línguas africanas. Assim, boa parte dos aspectos fonéticos do dialeto baiano consistem na supressão, ou apócope de fonemas, bem como pela inflexão dos verbos como ocorre no iorubá e no quimbundo. Portanto, a partir deste estudo, compreende-se que, no processo de tradução de poéticas orais baianas, tendo em vista a relevância destes materiais para a conservação da tradição oral e da cultura de nosso, é necessário um olhar sensível sob os aspectos sócio-históricos da fala dos mestre da tradição que as narram. Assim, aliada a análise de tal material à luz dos níveis fonético e fonológico é possível encontrar uma variação na língua de chegada que respeite estas características sem que haja uma tentativa de apagá-las ou padronizá-las.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampaté et al. *A tradição viva*. História geral da África, v. 1, p. 181-218, 2010.

CASTRO, Yeda Antonita Pessoa de. *Das línguas africanas ao português brasileiro*. 1983.

MARANHÃO, Samantha de Moura. A linguística brasileira e a influência de línguas africanas no português do Brasil. *Entrepalavras*, v. 7, n. 2, p. 568-590, 2017.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias*. Martins Fontes, 2005. p. 2-51.

PFAU, Monique et al. *Tradução sonora: perspectivas fonéticas na tradução e o caso Humpty Dumpty*. *Tradterm*, v. 41, p. 30-52, 2022.

PIRES, Gilcelia Santana. Legendagem e tradução: aspectos culturais. *Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras*, v. 13, p. e18377-e18377, 2023.

XIMENES, Expedito Eloísio. Alguns termos da linguística histórica. *Revista Philologus*, ano, v. 9, p. 45-61, 2004.